

O Uso da capoeira como instrumento psicossocial de inclusão

Tarcísio José Ferreira¹

Resumo

A Capoeira, hoje, está presente em vários países, se não todos, porém, é no Brasil que se inicia toda a sua formação, aperfeiçoamento e aceitação. Em seu processo de aceitação, esta, passou por períodos difíceis e sombrios, ao passo que a mesma ganhava espaços mais abrangentes e características próprias do povo brasileiro. Os praticantes da capoeiragem foram perseguidos, escravizados e mortos, anos depois, reconhecidos e regozijados por seus feitos pela cultura e pelo povo brasileiro. Assim, este presente artigo tem como objetivo, mostrar a importância da capoeira na e para a sociedade e, principalmente, em seu arcabouço o processo histórico da mesma. Enseja-se também, políticas de inclusão que contemplem a capoeira em suas estruturas juntamente com a sociedade de modo geral.

Palavras chave: Capoeira. Capoeiragem. Inclusão Social. Políticas Públicas.

Abstract

Capoeira today is present in several countries, if not all, however, is in Brazil beginning its formation, development and acceptance. In the process of acceptance, it has gone through difficult and dark periods, while it gained wider spaces and Brazilian people's characteristics. The practitioners of Capoeira were persecuted, enslaved and killed, years later, rejoiced and recognized for their achievements in culture and the Brazilian people. Thus, this present article aims to show the importance of the Capoeira in and for society and especially within its framework the historical process of it. It also gives rise to inclusion policies that contemplate the Capoeira in their structures along with the society in general.

Keyword: Capoeira. Capoeiragem. Social Inclusion. Public Policies.

1 INTRODUÇÃO

A Capoeira é uma arte, uma dança uma filosofia, onde o capoeirista expressa suas vontades, anseios e por menores que no cotidiano são muitas vezes reprimido e que nessa prática,

¹ Graduado em Letras Inglês e Literatura da Língua Inglesa, pela Faculdade Jesus Maria José – FAJESU; Serviço Social, pela Faculdade Norte do Paraná – UNOPAR; e, Administração Pública, Pela Universidade Estadual de Goiás – UEG; Pós-graduado em Gestão de Políticas Públicas Integradas a Infância e Adolescência e Metodologia e Docência no Ensino da Língua Inglesa, pela Faculdade de Tecnologia Darwin - FTD, e Pós-Graduando em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça, pela Universidade de Brasília – UNB. Revisor do livro Senado: Fatos ou Versões, (BAROUD, José Jabre, Ed. Alpha Gráfica: 2009). Atualmente, professor de Inglês em instituição particular e professor do curso de Pedagogia e Serviço Social na Faculdade Projeção, unidade Ceilândia.

dentro da roda, ou simplesmente olhando, este, consegue se desvincular do mundo e adentrar em uma outra dimensão para sanar todo o stress do dia a dia.

Essa prática, chamada capoeira, que outrora fora alvo de perseguições e caçadas, hoje se tornou símbolo patriótico brasileiro e motivo de orgulho para a nação e principalmente para os seus praticantes, contudo, ainda há certa resistência por parte de uma parcela relevante da população, por essa prática ser originalmente brasileira, escrava e negra. Essa mesma população que renega seu passado e a formação do seu povo, o povo brasileiro.

Costa (p.14) diz que “por esta razão ou qualquer outra anterior ao fato, após a Guerra dos Quilombos e Palmares o capoeira já era um tipo característico do Brasil colonial”.

Segundo Silva (2010, p.15), relata que:

A nefasta destruição de documentação sobre a escravidão no Brasil só adiou o reconhecimento de parte da nossa história, pois os relatos sobre os negros (Rugendas, Debret, Câmara Cascudo, entre outros) somados à resistência, através da manutenção da cultura afro-brasileira nos corpos dos brasileiros, demonstram a possibilidade de compreendermos cada vez melhor nosso passado e reconhecermos as contribuições dos múltiplos grupos que fizeram a nossa história.

Sabe-se que muitos documentos que se tratavam do Brasil império e da chegada dos primeiros escravos no Brasil, foram destruídos ao longo da história ou se perdendo e isso, hoje, é um dos grandes empecilhos para os estudos da origem da capoeira e suas vertentes. Porém, a história não se perdeu de tudo, muitas destas são passadas de pais para filhos e/ou contadas em rodas de prosas pelos mais velhos.

Hoje, se têm muitas dessas histórias documentadas e reproduzidas em forma de textos, cartilhas, folhetos e livros. Inclusive a capoeira entrou para o rol de Patrimônio Cultural Brasileiro, título dado pelo IPHAN em 2008. Esse título abriu portas para que a capoeira se expandisse e a carta de alforria, ao passo, que abrissem os olhos para a criação de políticas públicas que contemplem a capoeira em sua estrutura por ser uma arte genuinamente **Brasileira** [grifo nosso].

Nesse sentido o presente artigo apresentará um panorama sobre o uso da capoeira como instrumento psicossocial de inclusão, trazendo em seu contexto um breve histórico da capoeira, o surgimento da mesma, além da prática desta no Brasil república e na atualidade e por fim a capoeira como objeto de inclusão social, sempre levando em conta o objeto capoeira e a sociedade.

2 BREVE HISTÓRICO DA CAPOEIRA

A capoeira, assim como o carnaval, samba e o futebol, faz parte do contíguo dos grandes ícones da atualidade representativos da identidade cultural brasileira. A capoeira é originária da experiência sociocultural de africanos e seus descendentes no Brasil. Descreve em sua trajetória histórica a força da obstinação contra a servidão e a síntese da expressão de

diversas analogias étnicas de ascendência africana.

Assim como relata Oliveira e Leal (2009, p. 44), “A história da capoeira foi marcada por perseguições policiais, prisões, racismo, e outras formas de controle social que os agentes dessa prática cultural experimentaram em suas relações com o Estado Brasileiro”. Além disso, a história da capoeira como a história do Brasil é cheia de controvérsias e falta de documentos comprobatórios de suas práticas, suas ações, suas falhas e tantos outros que necessitam para se ter uma consistência tanto documental como histórica.

Oliveira e Leal (2009, p. 18) faz uma síntese do capoeira e da sua persistência como praticante dessa arte-luta:

A capoeira não tem lugar nesta galeria de heróis nacionais. Bêbado, vadio, ocioso, mestiço, baderneiro, desordeiro, vicioso, vadio, era o paradigma da escória urbana, pior que o preto africano ou que o índio puro. Mas como um fantasma ele percorre em espectro as páginas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, lugar privilegiado de construção de uma memória nacional, em uma espécie de elogio invertido, onde a nobre classe dos historiadores do Império usa os subterrâneos dos pés de páginas para dar vazão aos seus “instintos mais primitivos.

Mas a capoeira nem sempre foi tratado dessa maneira como escória da sociedade, ou como um vadio, ocioso como descrito dentre tantos adjetivos degradantes, estes tiveram seus dias de glória e honra e deixaram suas marcas como grandes homens e mulher cravadas na história do povo brasileiro.

3 A CAPOEIRA NO BRASIL REPÚBLICA

A capoeira no Brasil República ganha aspectos divergentes da capoeira do Brasil Império, onde esta prática já modifica e aperfeiçoada ganha traços próprios, de malandragem e sua pratica, na maioria das vezes, são para fins delituosos. Nasceram assim as maltas de capoeiras, as rivalidades e ao mesmo tempo a difusão da mesma, chegando a ser praticada não mais por negros, mais por grandes personalidades da sociedade brasileira da época.

Segundo Soares (2001 apud Conde 2007 p. 32), “Ao longo do século XIX, tal virtualidade acabou por se transformar em campo de ação: a capoeira passou a ser vislumbrada apenas como uma luta perigosa que transformava o corpo em uma potente arma de desferir golpes mortais, principalmente com a cabeça e com os pés”. Pode-se perceber que a capoeira não mais tem seus elementos iniciais e sim ganha a malícia das ruas passando a ser temida.

Os capoeiristas também ganham aspectos próprios e sociais além de serem estereotipados pela sociedade da época como descreve a seguir:

Com efeito, a expansão da cultura do jogo da capoeira e a eficácia de sua luta, associadas ao olhar das instituições repressoras, acabaram por permitir à capoeira forjar um tipo social, “o capoeira”, que se constituiu de modo singular através da

(re)significação da vestimenta, do andar, da postura corporal e da conduta ética, colaborando desta maneira, com a “descoisificação” de sua condição de escravo (CONDE, 2007, p. 33).

Essa mesma descrição é abordada por outros autores que descrevem o capoeira como Conde, enfatizando ainda que este ande sempre acompanhado com sua navalha ou cacete além do seu chapéu.

De acordo com o Código Penal de 1890, esse que teve a capoeira em um de seus artigos como prática criminosa, descreve essa prática como:

(...) exercício de agilidade e destreza corporal feitos em ruas e praças públicas e, de modo mais específico, em andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou inculcando temor ou algum mal². (OLIVEIRA, LEAL 2009, p.151).

No artigo 402, foram encontrados muitos relatos e casos que se enquadraram neste, porém, de acordo com Oliveira e Leal (2009), o artigo 402 do Código Penal, que tratava da criminalização da capoeira, na Bahia, não foi encontrado, até o momento, nenhum caso que nele se enquadrasse. Capadócios, valentões, bambas, navalhistas, entre outros, podem ser observado como referências produzidas pelas visões dos diversos grupos sociais sobre a cultura da capoeiragem, nas ruas de Salvador, reconheceu os capoeiristas como valentes e desordeiros.

Contudo, vale ressaltar que além do artigo 402, os artigos 403 e 404 também tratavam-se sobre a criminalização da prática da capoeiragem no Brasil.

Para Moura (2009, p. 51), em seu trabalho relata que “exímios cultivadores da capoeiragem, autênticos campeões, os mestiços concomitantemente também contribuíram para sua desvirtuação, pois foram os responsáveis pela introdução de armas na capoeira, o que não se registrava nas suas primitivas manifestações”. Esses mestiços como eram chamados os capoeiras, eram os filhos dos negros que outrora foram escravos, estes, já com um porte físico mais desenvolvido e com agilidade superior ao dos seus mestres; essa herança genética se deu, talvez, pela miscigenação da população.

Mas nem todos os capoeiristas eram vagabundos ou vadios, ainda o autor (2009) diz “o capoeira que se prezava tinha ofício ou emprego, vestia com apuro e, se defendia uma causa, como aconteceu com a do abolicionismo, não o fazia como mercenário”. Assim, pode-se dizer que as maltas eram formadas basicamente por sua maioria de mestiços e capoeiristas mais novos, não excluindo os mais velhos.

Oliveira e Leal (2009), dizem que a capoeira ganhou esse aspecto criminoso por ser:

Uma história que trata de certos indivíduos que estariam sendo apontados como marginais em determinado momento – portanto, excluídos da sociedade devido às suas qualificações “negativas” – e que seriam “assimilados” em outra ocasião, graças aos benefícios que poderiam trazer à mesma sociedade ou a grupos

² BRASIL. Decretos do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. *Décimo fascículo de 01 a 301 de outubro de 1890, capítulo XIII*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890. p. 2734-2735. Arquivo Público do Estado do Pará.

particulares.

E continua suas palavras dizendo que “poucas vezes ela foi compreendida como uma prática cultural pertinente à sociedade brasileira”. E que diz que a criminalização da capoeira no ano de 1890, “tratava-se de uma criminalização política tanto quanto social”. Nas palavras do autor, subentende que o Estado queria o embranquecimento da cultura brasileira e a supressão da cultura africana. Assim, o único meio de imobilizá-los era criminalizando-os.

Porém, nem só os negros da época praticaram a capoeiragem, grandes nomes desse período foram considerados exímios capoeiristas, como nos revela Moura (2009, p. 72). Nessa época alguns vultos salientes na política, no magistério, nas forças armadas, também praticavam esportivamente a capoeiragem, como Duque Estrada Teixeira, o capitão Ataliba Nogueira, os tenentes Lapa e Leite Ribeiro, Antonico Sampaio, aspirante da Marinha, e o grande diplomata, José Maria da Silva Paranhos Filho, Barão do Rio Branco.

Conde (2007, p. 33), enumera e descreve as categorias de praticantes da capoeiragem: A capoeiragem era apresentada por três tipos básicos de praticantes: o “aprendiz”, formado por todos os iniciantes, que abrangia um universo diversificado de faixa etária, de etnia e de classe social, e se caracterizava principalmente pelos “moleques de rua”, que aprendiam com um capoeira mais experiente para, mais tarde, integrarem uma malta; o “amador”, o capoeira que dominava a técnica da capoeira, mas não pertencia a nenhuma malta, utilizando-a apenas de forma independente, sendo este grupo formado, entre outros, por jovens da elite social; finalmente o “profissional”, que, tendo passado pelo processo de aprendizagem e de posse da navalha e do chapéu, partia para a realização da sua primeira “missão” como integrante de uma malta.

Os capoeiras não tiveram somente papéis de mercenários, bandidos e desordeiros, também tiveram a sua parcela de participação na construção da autonomia do Brasil enquanto país, como lembra Conde (2007, p. 42 apud Querino; 1955, p. 78), “A Guerra do Paraguai, além de reformular a estrutura do exército brasileiro, ofereceu à capoeira uma trincheira social. Grande parte da infantaria convocada para a Guerra era formada por libertos, dentre os quais muitos eram capoeiras”. Moura (2009) reforça esses ditos e acrescenta que muitos desses soldados não iam a guerra por vontade própria; e diz que a linha de frente de batalha era formada por negros e grande parte praticantes da capoeira o que deu vantagem na luta corporal.

Além da Guerra do Paraguai, também existiu exímios capoeira de honrosa valentia e digníssima postura, como a do paraense Francisco Xavier da Veiga Cabral, conhecido como Cabralzinho, teve uma participação ativa e destacada na história política e social paraense. (OLIEIRA; LEAL, 2009). E outros heróis como descreve Moura (2009, p. 66).

Continuando a discorrer sobre o assunto enfocado, escreve Coelho Neto: “A tais heróis sucederam outros: Augusto Melo, o cabeça de ferro; Zé Caetano, Braga Doutor, Caixeirinho, Ali Babá e, sobre todos o mais valente, Plácido de Abreu, poeta, comediógrafo e jornalista, amigo de Lopes Trovão, companheiro de Pardal Mallet e Bilac no O Combate, que morreu, com heroicidade de amouco, fuzilado no túnel de Copacabana, e só não dispersou a treta escolta, apesar de enfraquecido, como se achava, com os longos tratos na prisão, porque recebeu a descarga pelas costas, quando caminhava na treva, fiado na palavra de um oficial de nome romano”.

Essa arte marcial brasileira como fora conhecida, também soube sobressair de episódios

constrangedores e com pomposas congratulações por seus feitos e por demonstrar a sua superioridade por outra arte marcial estrangeira, como por exemplo, o combate entre Ciríaco, exímio capoeira e SadaMiako, lutador de jiu-jítsu e nipônico. Depois de derrotar o nipônico com o rabo-de-arraia, Ciríaco ganhou fama nas páginas dos jornais e nas ruas. Mas, Ciríaco não foi o primeiro a ganhar de um nipônico, há relatos anterior de um marinheiro que em terras nipônicas, combatera, no cais, alguns nipônicos e sozinho utilizando do rabo-de-arraia e a rasteira vencera os mesmos.

Porém, nem sempre houveram dias bons para os capoeiras, onde estes também foram perseguidos, presos e condenados como diz Moura:

O embate de Ciríaco da Silva com SadaMiako contribuiu decisivamente para a credibilidade, a difusão, o renascimento da capoeiragem, que atravessava uma fase de declínio, de ostracismo, desde os tempos da ofensiva desencadeada pelo Dr. João Batista de Sampaio Ferraz, o primeiro Chefe de Polícia do Rio de Janeiro republicano. (2009, p. 127).

João Batista de Sampaio Ferraz, também conhecido como Sampaio Ferraz, fora um perseguidor de praticantes da capoeiragem e, também conhecido como o homem com pôs ordem na cidade do Rio de Janeiro.

Dunshee de Abranches, nas Atas e Atos do Governo Provisório, informa que o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, foi o mentor das ações coercitivas contra os capoeiras, que eram os responsáveis pelos tumultos e agressões registrados nas festas populares, realizadas na cidade do Rio de Janeiro. Ficou combinado que a desolada, inóspita ilha de Fernando de Noronha, seria o local do desterro desses elementos que ameaçavam a segurança dos transeuntes. (MOURA; 2009, p. 89).

Contudo, a capoeira ao longo dos anos veio sofrendo mudanças, depois de perseguidos, usados como capangas e assassinos, presos e maltratados, muitos capoeiristas voltaram com pensamentos distintos a sociedade, a fim de serem aceitos novamente, porém, dessa vez com honradez e graças a essas pequenas mudanças, a prática da capoeiragem não chegou ao fim, e assim nasceram as academias e estes passaram a praticá-las nestas.

4 A PRÁTICA DA CAPOEIRA NA ATUALIDADE

A capoeira já na década de 1930, ganha novos aspectos e sai da informalidade, passando para outro patamar da sociedade, recebendo assim uma credibilidade que outrora fora tirada e marginalizada. Essa capoeira fora reformulada e remodelada, recendo uma nova caricatura e uma nova finalidade em sua prática, assim como a seus praticantes.

Oliveira e Leal (2009) descrevem que na década de 1930, Mestre Bimba³ e Mestre Pastinha⁴

³ Manoel dos Reis Machado (1900-1974), capoeirista baiano conhecido por mestre Bimba, foi responsável pela criação do Centro de Cultura Física e Regional da Bahia, onde ensinava a capoeira. Protagonista de uma das mais importantes transformações sofridas pela prática da capoeira nas décadas de 1930 e 1940. Representa nos dias de hoje um dos mais significativos símbolos da cultura afro-brasileira. (OLIVEIRA; LEAL. 2009, p. 22).

⁴ Vicente Ferreira Pastinha nasceu em 1889. No ano de 1941, fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola, situado no Largo do Pelourinho. Pastinha trabalhou bastante em prol da Capoeira, representando o Brasil e a Arte Negra em vários países. Em Abril de 1981, participou da última roda de Capoeira de sua vida. Numa sexta-feira, 13 de novembro de 1981, Mestre Pastinha se despede desta vida aos 92 anos, cego e paraplégico, vítima de uma parada cardíaca fatal. (CARNEIRO; 2012).

reinventam a capoeira, reordenando o seu lugar na ordem social, tirando-a do crime para o campo da educação física, antiga reivindicação de parte da primeira geração republicana. Essa mudança fora crucial para a (re) aceitação da capoeira novamente na sociedade.

Conde (2007, p. 55) diz que:

O surgimento de Mestre Bimba foi, talvez, um fator de aceleração deste processo. Ao incorporar à capoeira elementos do antigo Batuque, que lutas asiáticas (visando “resgatar” a sua potencialidade de arte marcial), bem como ao criar novos andamentos rítmicos para o jogo e um método de ensino sistematizado, com níveis de graduação, Bimba foi referenciado como a antítese do que era “tradicional” à capoeira.

O mestre, além de transferir a prática da capoeira da rua para uma academia (recinto fechado), criou um método que sistematizou e fragmentou o seu ensino, ou seja, formalizou a transmissão do saber da capoeira, entre outras, com as populares “seqüências”.

Nesse pequeno relato, pode-se identificar o ressurgimento da capoeira, hoje conhecida como capoeira regional, ou capoeira de Mestre Bimba. Além de ser um grande precursor da capoeira, Mestre Bimba conseguiu levar a capoeira das ruas para as academias e transformá-la em um elemento da educação física, assim, regulamentando-a e transmitindo-a a uma nova geração de capoeiristas que nascia naquele momento.

Moura (2009, p. 149-150) traz um relato de quão perseguida e desprezada fora a capoeira no âmbito nacional, pouco antes de sua ascensão.

Gomes Carmo prossegue, destacando que a capoeiragem, no seu tempo, era cultivada mormente nas camadas inferiores do povo carioca, e aproveita o ensejo, para fazer um apelo a fim de que a capoeiragem fosse disseminada, incorporada às classes mais elevadas da comunidade brasileira, insistindo que ainda ninguém em condições de valorizar, de impulsionar a capoeiragem a este estágio de primazia, tinha aparecido para tomar essa iniciativa, projetando um jogo oriundo da raça e do meio, característico das terras brasileiras.

(...) a capoeiragem deveria ser ministrada nos estabelecimentos de ensino, nas frotas brasileiras e nos quartéis, tecendo comentários sobre os resultados positivos desta ginástica no corpo humano (...)

O consagrado escritor patricio, recorda que em 1910, juntamente com Germano Hasslocher e Luís Murat, esteve propenso em remeter a Câmara dos Deputados, um projeto relativo à obrigatoriedade da inclusão da capoeiragem nos cursos ministrados nos quartéis e nos institutos governamentais. Desistiu, porém, desta iniciativa, por que constatou que não era receptivas para elementos que a consideravam ridícula, pelo fato de não ser estrangeira, ser nacional.

A partir desse relato, percebe-se que foram necessários mais 20 anos para que a capoeiragem tivesse seu espaço tímido e sufocado, como um pontapé inicial para a sua expansão e aceitação. Conde (2007) acrescenta “um ponto sobre os projetos de Bimba que parece consensual entre seus alunos é a sua tentativa de ampliar o universo da capoeira. Possibilitar que a prática rompessem barreiras sociais e étnicas, no que parece ter obtido pleno sucesso”.

Mestre Bimba buscou arquitetar uma capoeira que pudesse ser introduzida socialmente, fugindo do estigma marginal, e para isso usou subsídios ligados à influência do positivismo

na educação física brasileira, a saber: o treinamento sistematizado, a fragmentação e uniformização da técnica e uma plástica mais retilínea. Tudo isto acompanhando a uma maior preocupação com a eficiência e eficácia da luta. De forma análoga, Mestre Pastinha buscou edificar uma capoeira que pudesse ser inserida socialmente, que fosse desmarginalizada, e para isso também a institucionalizou, tirando a sua prática das ruas e criando os centros esportivos, como sistematização do ensino, uniformes – como os abadá, camisas e cordas -, estatutos, porém, amparada em um discurso de valorização dos antigos fundamentos e da tradição da capoeira. Onde nasce a capoeira Regional, do Mestre Bimba e a capoeira Angola, do Mestre Pastinha.

Conde (2007, p. 59-60) acrescenta:

Os alunos de Pastinha que se tornaram mestres fortaleceram esses aspectos, buscando ampliar a penetração da Capoeira Angola. Dessa maneira surge uma “convergência com segmentos do crescente Movimento Negro, interessado no resgate das tradições afro-brasileiras como estratégia afirmativa. A prática de capoeira passou a ser considerada então um veículo adequado para a conscientização étnica e social” (Assunção e Vieira, 1998: p.106). A Capoeira Angola também passa a ter a sua imagem aderida a idéia de resistência à cultura de massa, homogeneizante, de fácil assimilação e descartável. A “tradição” e “pureza” da capoeira Angola a partir dos anos 1970 começa a encontrar um nicho na contra cultura.

A Capoeira Angola traz consigo elementos da negritude, e resistência, resgatando elementos como as ladainhas, o lamento, a capoeira rasteira, as chamadas de angola, e outros elementos que, hoje, ainda são utilizados em respeito e memória dos negros, que para aqui foram trazidos, assim como, a memória do seu criador, Mestre Pastinha.

Esta mesma capoeira que fora perseguida, reerguida e, recriada também ganhou seu espaço nas páginas de livros, revistas, periódicos e tantos outros meios de comunicação, mais, o que mais se sobressaiu foram nas páginas das literaturas onde este ganhou várias facetas e personagens diversificados.

Oliveira e Leal (2009, p. 48), destacam alguns autores que abordavam o tema capoeiragem: “(...) (destacam-se nesse aspecto os trabalhos de Arthur Ramos, Edson Carneiro e Gilberto Freyre). Posteriormente, a capoeira também seria resgatada como cultura nacional, a partir das obras de Jorge Amado, Carybé e Pierre Verger”. Pode-se perceber que a capoeira já estaria conseguindo o seu espaço na literatura e conseqüentemente como cultura nacional, perdendo assim, o título de marginalização.

O capoeira, como personagem, também ganhou seu espaço nas páginas literárias, destacando-se como “Firmo, o famoso capoeira de O cortiço, de Aluisio de Azevedo, celebrou nacionalmente as características do capoeira carioca do final do século XIX. (OLIVEIRA; LEAL. 2009, p. 98)”. Além de “o cortiço” também houveram outras grandes obras que apresentavam a presença da capoeiragem sendo ela exposta ou velada, “a obra, Batuque, do poeta Bruno de Menezes, cuja evidência de africanidade revela múltiplas características de ação capoeiral no poema Pai João. (OLIVEIRA; LEAL. 2009, p. 100)”.

Depois de muito lutar, a capoeira, assim como, o capoeira, ganhou o seu espaço na legalidade definitivamente assim como disse Oliveira e Leal (2009), a capoeira faz pouco tempo abandonou os pés de páginas dos compêndios mais importantes da história nacional

para adquirir vida própria, tornando-se ela mesma tema de intensos trabalhos, que desvelam planos e horizontes antes absolutamente desconhecidos da nossa historiografia. Ainda o autor relata como tal prática saiu da informalidade e passou a ser a patrimônio cultural do Brasil:

(...) ela é uma rica expressão da cultura afro-brasileira, tanto no Brasil como no exterior. A maior prova disso foi o registro da capoeira, em 2008, como bem da cultura imaterial do Brasil, por indicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão do Ministério da Cultura (IPHAN/MinC).

Seu registro foi votado no dia 15 de julho de 2008, em Salvador, capital da Bahia, pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN, conselho este constituído por 22 representantes de entidades e da sociedade civil, e que tem o poder de deliberar a respeito dos registros e tombamentos do patrimônio cultural brasileiro⁵. O registro possibilita o desenvolvimento de medidas governamentais de suporte à comunidade da capoeira, a exemplo de um plano de previdência social para os velhos mestres da capoeiragem; programas de incentivo para o desenvolvimento de políticas pelos próprios grupos de capoeiras com o auxílio do Estado. Além disso, há do ponto de vista de uma política estrutural para capoeira, a intenção do IPHAN, por consequência do tombamento, de criar um Centro Nacional de Referência da Capoeira.

Entretanto, no contexto de seu reconhecimento, pouco espaço foi reservado na mídia para a exposição ou debate acerca da história da capoeira (...). A história da capoeira foi marcada por perseguições policiais, prisões, racismo e outras formas de controle social que os agentes dessa prática cultural experimentaram em sua relação com o Estado brasileiro. (OLIVEIRA; LEAL. 2009, p. 43-44).

A partir desse relato, pode-se perceber que a capoeira foi formalizada a pouco mais de três anos, ou seja, tiveram que atuar na informalidade por toda uma vida até ganhar a sua carta de alforria no século XXI, após a globalização. Seria como saldar uma dívida com a história brasileira e com muitos, que dela, ganharam sua liberdade, sustento, fama e outros.

O discurso atual sobre a história da capoeira ainda parece ser desempenhado com forte influência de Bimba e Pastinha no que se refere ao desejo de desmarginalização dos que querem construir o orgulho de ser capoeira ou até mesmo do orgulho da afro-descendência. Segundo o relato de Conde (2007):

A trajetória da capoeira tem a inscrição de autores que pelearam politicamente a seu favor, que lutaram para desmarginalizá-la e que apresentaram o capoeira como escravo oprimido, que treinava nas senzalas, campos e fazendas para com a capoeira alcançar sua liberdade. No entanto, os “heroificadores” da capoeira também são atravessados por versões como a do historiador Carlos Eugênio Soares (1999), que encontra registros históricos, remontando à capoeira uma gênese urbana, caracterizada por uma guerra entre maltas compostas de escravos, libertos e portugueses, e que matavam uns aos outros brutalmente em garantia de um posicionamento territorial, identitário e social. (p. 66)

Ainda o autor, descreve os tipos de capoeiras que durante a historiografia da mesma surgiram e seus adjetivos. Além de, subentender a sua importância no processo de

⁵ As informações sobre a cerimônia de tombamento da capoeira, ocorrida em Salvador, BA, tem como fonte as notícias veiculadas na imprensa nacional e local, a exemplo dos jornais Folha de São Paulo (SP), A Tarde (BA) e Correio da Bahia (BA), assim como o site oficial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

construção do povo brasileiro e sua identidade como cidadão.

O capoeira que roubava, o capoeira que matava por encomenda, o capoeira que salvava escravos, o capoeira capanga de político, o capoeira que lotou na Guerra do Paraguai, o capoeira que venceu a legião de estrangeiros amotinados no Rio, o capoeira que lutou contra a República, o capoeira que lutou pela abolição, o capoeira que lutou contra outros capoeiras, o capoeira que temia lutar, o capoeira que só brincava de capoeira, o capoeira que enfrentava vários policiais na busca de justiça, o capoeira que vadiava, o capoeira... São todos estruturados pela capoeira e estruturantes desta mesma capoeira. (CONDE; 2007, p. 67)

Esses capoeiras descritos trouxeram nos seus feitos, uma gama de benefícios para a nossa cultura, hoje, chamada afro-brasileira, onde enriqueceu o nosso saber, acrescentando incondicionalmente as suas raízes as nossas e assim, formando o que hoje chamamos de povo brasileiro, cultura brasileira, arte brasileira, etc. esses mesmos que outrora foram caçadas, discriminados e executados, hoje, nos traz orgulhos e prazer em sua arte, além de ser também um fator de inclusão social e psicomotor para a cidadania, essa também chamada de capoeira.

5 A CAPOEIRA COMO OBJETO DE INCLUSÃO SOCIAL

A inclusão social não está somente na aceitação do outro indivíduo de condição diferenciada da sua, esta, se abrange em vários aspectos, social, econômico, racial, étnico, etc., a aceitação, também, é apenas mais um ponto da inclusão, não esquecendo o respeito, integridade, integração e, muitos outros adjetivos que esta carrega em seu escopo.

A capoeira, como se sabe, teve seus altos e baixos durante toda a sua trajetória desde a sua criação até os dias atuais. Esta mesma, também teve o seu lado sombrio e sua fase de júbilo, mas hoje, depois de reformada e reformulada, a capoeira ganhou outra cara e outro status dentro do seu contexto e objetivos. Pode-se dizer que a capoeira é como o camaleão, assim como o nome de um dos seus movimentos, pois, se adéqua a necessidade exigida nas circunstâncias em que se encontra, inclusive, já fora estudada por alguns autores essa faceta da capoeira e suas transformações.

Essa capoeira que se modificou ao longo do tempo, com todas as suas transformações, se adequou a uma forma que hoje se tem, de capoeira inclusiva, além de ser adaptável ao meio em que se encontra.

Conde (2007, p. 68), relata que:

A capoeira oferece vários recursos, o jogo agressivo/objetivo, o jogo atlético, o jogo malicioso/mandingueiro, o jogo de são-bento-grande (rápido e mais em pé), o jogo de angola (lento e mais no chão), o jogo de iúna (mais técnico e de maior destreza) e outros tantos. Pastinha e Bimba, mais do que seus contemporâneos, jogavam, à sua maneira, uma capoeira ao ritmo do contexto social e político, conquistando um novo espaço e abrindo portas para futuras gerações.

Nessa passagem do autor é possível verificar já uma mudança no tipo e no contexto do jogo da capoeira e sua adaptação ao meio em que se encontra. Oliveira e Leal, ainda acrescentam que:

Dessa forma, a experiência social da capoeira é algo que vai bem mais longe do que uma simples invenção (com o sentido de algo terminado, acabado) de uma prática

cultural. Ela é, na verdade, uma “constante” reinvenção (algo que está em constante construção). Isso significa que em cada momento histórico a prática da capoeira possui significados e características próprias. (2009, p. 52).

Muitos autores, senão todos, concordam e relatam ao falar dessa prática capoeirística de adaptação e transformação da mesma no seu processo histórico e de aceitação desta na sociedade e por parte da sociedade como prática da cultura nacional. Porém, esse processo de transformação e adaptação da capoeira não está no fim, hoje, pode-se dizer que “atualmente, a capoeira passa por um intenso processo de profissionalização” como afirmam Silva e Heine (2008, p. 23).

Mais é graças a essa constante mutação que a capoeira pode ser praticada nas ruas, praças, academias, ginásios, se esgueirar pelas favelas, morros, becos e tantos outros lugares que outras práticas esportivas, talvez, não fosse a tanto. E também, a essas mudanças que a capoeira pode ser praticada por uma nação de pessoas de diferentes aspectos em todo o mundo, utilizando-se da integração social que esta pratica para a sua expansão, o seu convencimento e o seu reconhecimento.

Essa integração proporcionada pela capoeira se dá, desde a sua entrada em um grupo de praticantes até a sua permanência ou não. Pois, um indivíduo que entra em um grupo de capoeira a primeira coisa que este aprende são os cumprimentos desse novo grupo social ao qual está sendo inserido, depois passa pela fase de conhecimento, também a aceitação, que se pode dizer que é imediata, pelos participantes, e por fim a roda, esta sim é a maior forma de inclusão social que há na capoeira, pois nesse círculo todos são iguais, todos partilham do mesmo saber, o coro sendo entoado em conjunto, os instrumentos sendo tocado para facilitar esse processo de convivência mútua. E é nessa hora, nesse momento que se mostra a união de um grupo de pessoas e o acolhimento deste para com outros, seja de outro grupo, visitante, amigo ou ouvintes, fazendo com que sejam um só em um círculo interminável.

Segundo Silva e Heine (2008), a capoeira também pode dar às pessoas um sentido de dignidade para a vida, esperança e força para lutar e construir um futuro melhor para todos. Além de inclusão a capoeira também traz consigo outros valores, entre eles o fato de o indivíduo se perceber como sujeito de sua própria vida e não como objeto e a agregar valores para a sua vida e levá-los ao seu contexto social, como relatam Silva e Heine:

O cotidiano dos treinos de capoeira gerou nos jovens cumplicidade e companheirismo acentuado. O que se viu foi a agressividade, a hostilidade e a desconfiança transformarem-se em amizade, respeito, compreensão, alegria e apoio mútuos. Crianças que tinham dificuldades em sentar em uma roda para uma conversa ao final da aula entenderem o sentido da disciplina e organização que grassam na realização de uma roda de capoeira. (2008, p. 32).

Essa maneira de disciplina apresentada a partir da prática esportiva, nesse caso a capoeira, é uma forma de mostrar ao indivíduo, seja ele criança, jovem, adulto ou velho, também é uma maneira de mostrar-lhes que eles são importantes e que eles têm/desempenham um papel fundamental em um grupo social. Para Silva e Heine (2008 p. 50), eles relatam que a capoeira tem como função:

De maneira geral, a capoeira deve integrar o indivíduo na sociedade e buscar o seu desenvolvimento pleno, proporcionando prazer em sua execução, tornando sua prática um hábito e um ato necessário, impulsionando as relações, as tomadas de

decisões coletivas, a ajuda mútua e a superação de conflito mediante o diálogo e a cooperação” (SIC).

Nessa palavra está presente qual o papel da capoeira na inserção do indivíduo e o seu papel a ser desenvolvido na sociedade ou em um grupo social. Porém, Cypriano (2011), recoloca a capoeira de forma mais profunda e como fator de inclusão social e integração social em sua obra.

Todos os dias, milhares de crianças e jovens se beneficiam de projetos de inclusão social e educacional – criados por mestres, professores, e alunos – bancados do próprio bolso ou com o apoio de governos e empresas. A prática da capoeira não só atenua as tensões cotidianas, como eleva a auto-estima e forma indivíduos mais conscientes e integrados. (CYPRIANO, 2011).

E acrescenta:

A integração social se faz naturalmente, pelo próprio espírito democrático da capoeira. Ela desconhece preconceito ou discriminação – em qualquer atividade, exige a participação de todos na roda, criando um respeito mútuo que desenvolve a cidadania. Sua musicalidade fortalece o equilíbrio emocional como vantagem nas relações com os demais participantes, aumentando a capacidade de lidar com os outros e suas diferenças. (CYPRIANO, 2011).

Ou seja, a própria capoeira traz em suas entranhas desde a sua formação um fator social muito arraigado a seus atos cometidos durante todo o seu processo de formação, aceitação e até a atualidade. Por mais que no passado houve desacordo e uma má fama que recaía sobre a capoeira, seu fator primordial sempre foi o fator social. Onde Torre e Santos (p.10), diz que a capoeira, uma manifestação afro-brasileira, tem se mostrado, ao longo da sua trajetória, um fenômeno de resistência singular. Conseguiu sair de circunstâncias demasiadamente desfavoráveis, a exemplo da marginalização e do Código Penal Brasileiro, resistindo aos Capitães do Mato, à perseguição policial e, principalmente, à mais perversa das perseguições: a injúria social.

A capoeira não só trabalha como esporte para atender o tocante da cidadania, esta, perpassa por tantos outros caminhos e assuntos que é quase incontável os meios que se usa para adentrar na sociedade. A capoeira se vincula a cultura, moda, filosofia, sociologia, antropologia, física, dança, música, teatro, geografia, beleza, estética, e muitos outros meios que/ou juntos, por meio da prática da capoeiragem, adentram casas, favelas, países, culturas, meios sociais, círculos sociais, universidades e milhares de lugares levando assim, não somente a cultura de um povo ou nação, mais um leque de oportunidades para diferentes áreas do conhecimento de cada indivíduo que a ela tem contato, Silva (2008 p. 57), diz “(...) que a capoeira, desde sempre, se faz no corpo que faz a capoeira”.

Essa mesma capoeira que é jogada aqui em Brasília é a mesma que é jogada em Salvador, Rio de Janeiro, no Brasil, na Itália, No Japão e em todo o mundo, só se muda os objetivos de quem pratica tal arte, e a visão de cada um que tem contato com a mesma.

Os fatores sociais que movimentam a capoeira e que utilizam dela para se locomover são inúmeros, assim como esta pode adentrar em grupos sociais diferenciados. A utilização da capoeira com ferramenta de desenvolvimento social é muito abrangente, levando o indivíduo a ter um espaço dentro de um grupo social, vendo a importância do mesmo neste e, seu impacto na sociedade, apresentando políticas públicas de inclusão, acompanhamento

e desenvolvimento infanto-juvenil, adulto e do idoso.

O campo de abrangência da capoeira se estende em qualquer faixa etária, classe social, cultura, língua, etc. é uma prática ilimitada trazendo não só benefícios para si, como para o meio em que se encontra o indivíduo praticante, o espaço em que se frequenta, o convívio familiar, até mesmo para a inserção no mercado de trabalho entre outras. Esse campo ilimitado de caminhos que a capoeira pode seguir poderia ser melhor acolhido pelas autoridades e organizações e posta a população como uma atividade extracurricular, física ou até mesmo como uma válvula de escape para o estresse do dia a dia. Talvez o que falta seria uma visão melhor da cultura nacional e sua utilização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história inicial da capoeira fora suprimida e queimada, porém, nunca esquecida. Esse artigo trouxe à tona um tema pouco discutido entre áreas distintas à Educação Física e à História, onde aqui apresentou-se como um fator determinante para a área social.

Neste artigo, foi possível concluir que a capoeira é pouco difundida entre as classes mais abastardas da sociedade brasileira e, que essa prática é comumente aceita e praticada principalmente em favelas e bairros de classe baixa ou média, onde nesta última, também há uma escassez relevante.

A prática da capoeiragem, não só traz benefícios corporais e mentais aos seus praticantes, esta, traz consigo uma desenvoltura que faz com que o indivíduo possa desenvolver habilidades e competências distintas ligando-as ou entrelaçando-as no seu dia a dia trazendo-lhe benefícios e soluções satisfatórias em seu cotidiano.

Essa prática está presente comumente entre os jovens – crianças e adolescentes – mas, isso não impede que outros grupos de faixas etárias distintas sejam praticantes de tal arte, onde o benefício corpóreo e mental são essenciais. Para uma pessoa idosa tais benefícios podem trazer-lhes uma sensação de bem-estar, para um adulto, talvez, a capoeira sirva como uma válvula de escape do estresse do dia a dia.

Cabem as autoridades competentes a elaboração de projetos e políticas públicas para a disseminação de tal arte, que por ser genuinamente brasileira, parece haver entraves para que esta seja aceita de bom grado por uma parcela relevante da sociedade brasileira, dando preferências as artes nipônicas, que as nacionais.

Essas mesmas políticas e projetos que englobam a capoeira em seu escopo, também devem contemplar áreas distintas para que sejam melhores executadas e que tenham em sua avaliação final um saldo positivo dos mesmos.

Por fim, chegou-se a conclusão, de que a capoeira pode ser aproveitada em todas as etapas da vida, que esta traz consigo uma desenvoltura única ao qual faz com que o seu praticante tenha leque de oportunidade para pô-la em prática. Como no joga da capoeira, que se assemelha a perguntas e respostas, esta faz com que as habilidades e competências de seus participantes sejam expostas de forma que consigam lidar satisfatoriamente e sem muita dificuldade. Além de trazer toda a malícia e molejo do corpo o capoeirista traz o bom humor

em sua ginga, a humildade em seus atos, o cooperativismo em seu convívio e mostra sempre ser espirituosos e muitas vezes companheiros, além dos benefícios que a capoeira traz ao praticante no seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Igor. 2012; <http://www.senzala.org.br/historia/bibliografia/11-mestre-pastinha.html> acessado em <05/jan/2012>
- CONDE, Bernardo Velloso. **A Arte da Negociação: a Capoeira como Navegação Social**. Editora Novas Ideias: Rio de Janeiro – RJ, 2007.
- COSTA, Lamartine P. da. **Capoeira sem Mestre: com 49 figuras**. Editora Ediouro: Rio de Janeiro-RJ.
- CYPRIANO, André. **Capoeira: luta, dança e jogo da liberdade**. Caixa Cultural: São Paulo, 2011.
- FACULDADE JESUS MARIA JOSÉ. **Manual de trabalhos monográficos**. 2ª edição: Brasília – DF; FAJESU, 2009.
- MOURA, Jair. **A Capoeiragem no Rio de Janeiro Através dos Séculos**. 2ª edição; Editora JM: Salvador – BA, 2009.
- OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira Identidade e Gênero: ensaios sobre a história social da Capoeira no Brasil**. Editora EDUFBA: Salvador – BA, 2009.
- ROSA, Sonia. **Capoeira**. 3ª edição; Editora Pallas: Rio de Janeiro – RJ, 2009.
- SILVA, Eusébio Lôbo (Mestre Pavão). **O corpo na capoeira: Breve panorama: estória e história da capoeira**. Vol. 2; Editora UNICAMP: Campinas – SP, 2010.
- SILVA, Gladson de Oliveira; HEINE, Vinicius. **Capoeira: um instrumento psicomotor para a cidadania**. Editora Phortes: São Paulo, 2008.
- TORRES, José Augusto Maciel; SANTOS, Carlos Alberto Conceição dos (Mestre Bozó). **Capoeira: arte marcial brasileira**. Coleção Artes Marciais; Ano 2, Nº 12: Editora OnLine;